

FATOS E NOTAS

A GÊNESE DO EQUÍVOCO COLOMBINO. UM COLOMBO "CORSÁRIO" E UM COLOMBO "LANÉRIO".

Entre as histórias com que se glorificam as grandes figuras do passado, conta-se esta: a América, vasto Continente outrora desconhecido e quarta parte do mundo habitável, foi descoberta pelo genovês *Cristóforo Colombo* — um "lanério" tornado navegador, a quem, em Castela, chamavam *Cristóbal Colon*.

Assim nasceu, no espírito dos homens, a convicção de que o nome *Cristóbal Colon* é a tradução castelhana de *Cristóforo Colombo*. Isto mesmo apregoam historiadores de grande nomeada, para os quais, e no dizer de um dêles, *Colon, Colom, Colomb, Colombo "and so on"*, traduzem o mesmo significado do vocábulo latino *Columbus*.

Mas não nos deixemos iludir. Aquela história é falsa e o tal *Cristóforo Colombo* foi um humilde tecelão genovês que viveu e morreu em época anterior a 1492. Este homem, se algumas vez deixou aquêles seu ofício para se tornar navegador, só o fêz depois dos vinte e um anos de idade, pois que, nascido em 1451, ainda figura como "lanério" num documento redigido por um notário de Savona em 1472. Há absoluta incompatibilidade entre tais antecedentes e o caso de *Cristóbal Colon*, o qual, segundo êle mesmo, "*empezó a navegar de catorce años, y siempre anduvo en el mar*". Em 1472 estava Colon ao serviço de Renato de Anjou como capitão de mar e guerra, um cargo a que então só tinham acesso os homens de nobre prosápia.

E' verdade que para se tomar o "lanério" pelo navegador concorreram circunstâncias muitíssimo favoráveis, mas também é certo que sôbre o equívoco assim engendrado se alicerçou a maior mistificação da História. Vejamos como em uma passagem do livro de Fernando Colon se patenteiam as causas primárias de tão extraordinária confusão:

"Fué principio y causa de la venida del Almirante a España y de haberse dedicado a las cosas del mar, un varón destacado de su nombre y familia, llamado *Colombo*, muy nombrado por la mar con motivo de la armada que condujo contra los infieles y enemigos de su patria, tal,

que con su nombre espantaba a los niños en la cuna. Cuya persona y armada es de creer que fuesen muy grandes, puesto que en cierta ocasión apresó cuatro galeras gruesas venecianas, cuya grandeza y fortaleza no habria creído quien no las hubiese visto armadas. Este fué llamado *Colombo el Mozo*, a diferencia de otro que antes había sido hombre famoso en el mar. Del cual *Colombo el Mozo* escribe Marco Antonio Sabellico, que ha sido un segundo Tito Livio de nuestros tiempos, en el libro octavo de la década décima, que cerca del tiempo en que Maximiliano, hijo del emperador Federico III, fué elegido Rey de Romanos, fué enviado desde Venecia a Portugal, por embajador, Jerónimo Donato, a fin de que en nombre de aquella Señoría diese gracias al rey D. Juan II porque a toda la chusma y hombres de dichas galeras gruesas, que regresaban de Flandes, los había vestido y socorrido, dándoles ayuda para que pudieran regresar a Venecia. Porque aconteció que habían sido vencidos cerca de Lisboa por *Colombo el Mozo*, famoso corsario, que los había robado y echado en tierra. Por cuya autoridade, siendo de un nombre tan grave como lo fué Sabellico, se puede comprender la pasión del susodicho Justiniano, pues en su historia no hizo mención de ella para que no se supiese que la familia de los *Colombos* no era tan oscura como él decia”.

.....
“Volviendo al principal propósito, digo que mientras el Almirante navegaba en compañía de dicho *Colombo el Mozo*, lo cual hizo durante mucho tiempo, sucedió que al saber que las dichas cuatro galeras gruesas venecianas regresaban de Flandes, salieron a su encuentro y las encontraron entre Lisboa y el Cabo de San Vicente, que está en Portugal. Donde venidos a las manos combatieron con furor y se acercaron hasta aferrarse con tanto odio y coraje que pasaban de un barco a otro, matándose y hiriéndose sin piedad, tanto con armas de mano como con alcancias y otros ingenios. De tal manera, que habiendo combatido desde la mañana hasta la hora de vísperas, y estando ya muerta y herida mucha gente de ambas partes, el fuego prendió entre la nave del Almirante y una galera gruesa veneciana, que como estaban trabadas con garfios y cadenas de hierro, instrumentos que los hombres de mar usan para este efecto, no pudo ser atajado por ninguna de las partes, por lo trabadas que se hallaban y por el espanto del fuego, que en poco espacio había crecido tanto que el remedio fué echarse al agua los que podían, para morir así antes de soportar el tormento del fuego. Pero siendo el Almirante grandísimo nadador, y viéndose dos leguas o poco más apartado de tierra, agarrando un remo que la suerte le deparó, y ayudándose con él a ratos, y otros nadando, plugo a Dios, que para mayores cosas lo tenía reservado, darle fuerzas para que llegase a tierra, si bien tan cansado y fatigado por la humedad del agua que tardó muchos días en reponerse”. (Fernando Colon, *Vida del Al-*

mirante Don Cristóbal Colón, México, 1947, cap. V, págs. 38 a 40).

Ora é fato provado e assente que neste relato confundiu Fernando Colon dois combates navais distintos. No primeiro, ocorrido em 13 de agosto de 1476 e nas paragens do Cabo de São Vicente, foram contendores: de um lado, uma esquadra *franco-portuguesa* do comando de Guillaume Casenove, almirante de Luiz XI de França, e do português Pedro de Ataíde; e do outro, um grupo de quatro navios genoveses e um borguinhão, que se dirigia a portos da Inglaterra e da Flandres. No segundo, também ocorrido nas imediações do Cabo de São Vicente e em 21 de agosto de 1485, enfrentaram-se uma esquadra francesa do comando de Jorge Bissipat e um grupo de quatro navios venezianos que regressava da Flandres.

No combate de 1476 houve abordagens e navios incendiados e afundados, tendo ambas as partes perdido um grande número de homens. No de 1485, a ação não passou de um simples recôntro, em que os quatro navios venezianos se renderam imediatamente a Jorge Bissipat, o qual os levou para Cascais e ali os deixou, depois de haver recebido do rei de Portugal, D. João II, o preço que pedira pelo seu resgate.

Não foi no segundo destes dois recontros, mas sim no primeiro, que Cristóbal Colon participou. Com isto concorda a totalidade dos historiadores modernos, se bem que, iludindo ou sofismando as únicas ilações oferecidas por aquêlê relato, muitos pretendam que Colon se encontrava embarcado num dos navios genoveses! E' que, para êstes, Cristóbal Colon era genovês e, por isso, não se meteria a guerrear a gente da sua pátria. Esquecem-se, se o navegador nasceu em Gênova, esta circunstância, por si só, não lhe determina a qualidade de genovês, pois, para tanto, seria necessário que os pais também fôsem genoveses. De resto, o bandeamento de indivíduos de um país com gente estranha e inimiga era então coisa vulgar, o que, aliás, não é o caso de Cristóbal Colon. Mas a verdade histórica afirma-se com juízos irrespondíveis e não com falaciosos dogmatismos. Tratemos, portanto, de reconstituir êste passo da vida de Cristóbal Colon, atendendo sômente à consideração de que o relato de Fernando Colon constitui a fonte primária de tôdas as especulações subsequentes.

E' sabido que Guillaume Casenove se apelidava a si mesmo de *Coullon* e que os italianos, pelo seu lado, lhe chamavam "*Colombo*". Também é sabido que, num primeiro protesto apresentado a Carlos VIII de França pelo ataque de Jorge Bissipat aos quatro referidos navios venezianos, a Senhoria de Veneza atribuiu a autoria do feito a um filho daquele "*Colombo*", o que, aliás, foi repetido por vários cronistas italianos e espanhóis, os quais só divergem na parte em que uns fazem do jovem "*Colombo*" e sobri-

nho e outros o filho de Casenove Coullon. Sabido tudo isto, ter-se-á de convir em que o velho Guillaume Casenove era tio ou pai de um moço corsário apelidado como êle.

Vejamos, porém, que a Cristóbal Colon sempre os mesmos italianos chamaram "*Colombo*"; vejamos também que, como diz Fernando Colon, seu pai era parente dos dois "*Colombos*" a quem alude Marco Antônio Sabellico ao ocupar-se, na sua *Histoire Reerum Venetarum*, Déc. IV, liv. 3.^o, do recôntro naval de 1485; e vejamos ainda que, tendo Cristóbal Colon participado no combate de 1476 e não no de 1485, haverá que substituir, no relato de Fernando Colon, o nome de "*Colombo el Mozo*" pelo de Casenove Coullon, tomando como genoveses os inimigos que ali figuram como venezianos. Dêste modo tudo se esclarece e define: Cristóbal Colon acompanhava o velho Casenove quando êste, em 13 de agôsto de 1476, atacou os navios genoveses nas proximidades do Cabo de São Vicente. Era êle o "*Colombo el Mozo*", visto que, parente de Casenove, ainda não perfizera 20 anos de idade, pois nascera em dezembro de 1456.

A igual conclusão, e por idêntico raciocínio, chegou o historiôgrafo peruano Luis Ulloa, mas qualquer que seja a maneira como se procure deslindar êste caso, o resultado será sempre o mesmo. Do que aqui afirmamos são exemplos frisantes dois dos nossos estudos já publicados, os quais mostram que, se de princípio e por nos termos iludido com as histórias de vários genovistas, negamos o parentesco de Cristóbal Colon com Guillaume Casenove, bem cêdo nos foi dado verificar o êrro em que laborávamos. Nenhuma outra ilação nos possibilita aquêle relato de Fernando Colon, e ela patentear-se-á infalivelmente a quem quer que, sem "*parti pris*", se proponha dilucidar tal questão.

As personalidades diferentes de Cristóbal Colon e Cristóforo Colombo foram confundidas depois de 1492, e as razões desta confusão não custam a discernir. E' sabido que a flotilha atacada por Guillaume Casenove nas águas do Cabo de São Vicente se compunha de quatro navios genoveses e um borguinhão. Êstes navios, além das suas tripulações, tinham a bordo um grande número de mercenários ôbviamente contratados em Gênova e Savona para reforçarem as hostes do Duque de Borgonha — Carlos o Temerário — que estava em guerra com Luiz XI de França. Ora o codicilo testamentário redigido por Cristóbal Colon em 1505, com o apenso em que figuram os nomes de alguns indivíduos de Gênova e as quantias que o navegador lhes mandava entregar sem declaração de proveniência, constitui boa parte de que entre os mercenários embarcados naqueles navios e mortos no combate subsequente, se contava o "*Ianério*" Cristóforo Colombo e seu irmão Bartolomeu.

Sendo estas as circunstâncias que motivaram o equívoco aqui dilucidado, logo se vê que o "*Ianério*" Cristóforo Colombo, tal como qualquer outro mercenário da citada expedição, teria recebido, em Savona ou em Gênova, não só um apreciável adiantamento sobre as soldadas a vencer mas também o donativo pecuniário com que usualmente se aliciavam combatentes estrangeiros. Essas quantias, obviamente abonadas pelos armadores dos navios em questão, só eventualmente seriam recuperáveis se algum dos mercenários deixasse de cumprir aquilo a que se havia comprometido, e como os mesmos armadores ou os seus herdeiros, se vieram a convencer de que este era o caso de Cristóbal Colon, trataram de lhe reclamar o dinheiro em que se consideravam lesados por uma suposta defecção do "*Ianério*" Cristóforo Colombo e de seu irmão Bartolomeu, os quais não mais teriam sido vistos depois do combate sustentado contra os franceses de Casenove Coullon e os portugueses de Pedro de Ataíde.

Não admira, pois, que no apenso ao mencionado codicilo testamentário figurem os presumíveis herdeiros dos mesmos armadores genoveses como pessoas a quem Cristóbal Colon mandava pagar certas quantias ali exaradas. Não era ele o Colombo alistado em Savona por estes armadores, mas também não era ele que os poderia desdizer, pois convinha-lhe mais o equívoco assim engendrado do que propalar a sua qualidade de antigo corsário inimigo de Castela e Aragão. Mandando saldar os compromissos contraídos em Gênova pelos Colombos tecelões, ilibava-se aos olhos dos que enganadamente se julgavam seus credores, e estes, não sabendo quem lhes pagava, jamais poderiam certificar a sua convicção de que ele, Cristóbal Colon, era o mesmo Cristóforo Colombo tornado Almirante.

O apenso ao citado codicilo testamentário não identifica, portanto, a pessoa de Cristóbal Colon com a de Cristóforo Colombo. Cristóbal Colon mandava pagar os encargos do "*Ianério*", mas os interessados não deviam saber quem lhes pagava. "*Háseles de dar en tal forma que no sepan quien se las manda dar*", recomendava Colon. Ora, se ele fôsse o mesmo Cristóforo Colombo, não teria por que fazer semelhante recomendação, visto como, afinal, era este o verdadeiro devedor.

Por tudo isto se vê que na batalha naval de 1476 está a origem da confusão Colombina, e o que se torna necessário é dilucidar as causas determinantes dos dois casos. Se consideramos que tanto a França como Portugal mantinham relações pacíficas com a Senhoria de Gênova, logo nos perguntaremos as razões que levaram Guillaume Casenove e Pedro de Ataíde a atacar aquêles navios genoveses, sem, no entanto, estorvarem o passo a um outro que, na mesma ocasião e no mesmo lugar, fazia caminho para

Gênova. Casenove e Pedro de Ataíde, como capitães de Luiz XI de França e de Afonso V de Portugal na guerra que êstes sustentavam contra Isabel de Castela e Fernando de Aragão, teriam motivos bastantes para atacar o navio borguinhão, mas a verdade é que o ataque se desencadeou contra a flotilha genovesa em que aquêlê navio — aliás tripulado por genoveses — se integrava. Há, pois, que ver aqui uma ação de guerra, não contra Gênova, mas contra os mercenários contratados na mesma cidade e em Savona para Carlos o Temerário.

“Había mil genoveses en la tripulación y gentes de la Riviera, gentiles hombres, mercaderes y marineros, muchos de los cuales eran habitantes de Savona. Se decía que de los savoneses sólo ciento veinte habían salvado el pellejo. Las mujeres de Savona lloraban amargamente la muerte de sus queridos familiares”.

“Una carta del marqués Juan Francisco Pallavicino a Mateo Doria, escrita el 17 de septiembre en Génova, le participa que sabe, por cartas llegadas de Valencia, el ataque de Coulon a las naves genovesas y precisa cuáles son: la de Jofre Spinola y la de Giován Antonio di Negro, salvas en Cádiz; la nave borgoñona, la de Nicolò Spinola y la galeaza *Squarzifica* habían sido incendiadas”. (A. Ballesteros Beretta, *Cristóbal Colón y el Descubrimiento de América*, Barcelona, 1945, vol. I, cap. IV, pág. 269).

Por que não incluir entre os mortos genoveses ou savoneses os dois irmãos Cristóforo e Bartolomeu Colombo domiciliados em Savona e ali exercendo, até então, o ofício de “lanérios”, quando tudo nos diz que a verdade não pode ser outra?! A morte dos dois irmãos “lanérios” nesta ocasião é que deu causa a que, por êles, viessem a ser tomados os dois irmãos Colons — um enteado e outro filho de Guillaume Casenove. O caso tem perfeita justificação, pois os dois irmãos Colons (a quem os italianos sempre chamaram “Colombos” — como a Guillaume Casenove) trocaram os seus nomes de batismo — Salvador e João — pelos de Cristóbal e Bartolomeu quando, em ocasiões diferentes, se transferiram de Portugal para Castela. A tal expediente os compelia a sua qualidade de antigos inimigos dos castelhanos, não querendo, obviamente, ser por êstes reconhecidos e hostilizados como parentes e companheiros de “*Colon el Viejo*”, de cuja braveza se guardava uma bem viva recordação em Castela.

Se há que considerar os “*de Negro*”, os “*Espindola*” e os “*Centurion*” mencionados no apenso ao referido condicilo testamentário de Cristóbal Colon como herdeiros dos que, de qualquer modo, estipendiaram os expedicionários embarcados nos navios atacados por Guillaume Casenove em 1476, torna-se evidente que êsses mesmos herdeiros se consideravam credores de Cristóbal Co-

lon pelas importâncias adiantadas aos dois Colombos "*Ianérios*" na ocasião em que êstes foram aliciados e contratados para o serviço de Carlos o Temerário.

Encontrando-se o tal Cristóforo Colombo embarcado num desses navios genoveses — como, aliás, pretendem e afirmam os genoveses de tôdas as categorias e nacionalidades — não fazia parte da tripulação, visto que o seu nome não figura nas listas publicadas pelo italiano Giuseppe Pessagno em 1926. Seria, portanto, passageiro, mas não passageiro em viagem de turismo ou de negócios. Os seus humildes antecedentes, plenamente provados por vários documentos genoveses e savoneses, dizem-nos que êle teria mais aptidão para servir como soldado numa guerra do que como agente comercial de qualquer firma genovesa no estrangeiro.

Os próprios historiógrafos genovistas não são unânimes na maneira como justificam a presença do seu Cristóforo Colombo a bordo de um dos referidos navios genoveses. Uns — como o norte-americano Samuel Eliot Morison — dizem:

"All we now know and all we shall probably ever know of Columbus's life to the age of twenty-three is that he helped his parents at Genoa and Savona in their respectable trade of woolen weaver, that he had no schooling and no privileges". "His name is not found on the list of officers or passengers, so he must have been a common seaman".

Outros — como o citado Giuseppe Pessagno — alegam que o mesmo Cristóforo Colombo era empregado e viajante comercial dos armadores daqueles navios genoveses, encontrando-se, portanto, a bordo de um deles como passageiro e não como tripulante.

Para lhe abonar esta qualidade de viajante comercial, existe o famoso "*documento Assereto*" — um papel em que se escreveu uma historieta de entrecho estapafúrdio para o convencimento dos "homens de boa vontade". Êste "*documento*", embora desprovido "*de la firma del declarante, de la del notario y del signo de este*", "*prova*" que, em 1479, ainda o referido Cristóforo Colombo atuava como mandatário comercial de um Paolo di Negro e da firma genovesa Centurioni.

E eis como num simples equívoco se tem firmado a maior mistificação da História! O "*Ianério*" Cristóforo Colombo foi o descobridor do Novo Mundo! Era êle o Cristóbal Colon a quem os Reis Católicos fizeram "*Almirante del Mar Océano*" e "*Viso-Rey y Gobernador de las Indias*"!

Pelo tempo fora — dizem os historiógrafos genovistas — sempre Cristóbal Colon manteve relações amistosas com vários Centurioni, di Negro e Spínolas, assim como com muitos outros.

genoveses. Mas — perguntamos nós — se Colon estava certo de que tôda esta gente o conhecia verdadeiramente, por que razão ordenava que as quantias descriminadas no apenso ao citado cõdico fõssem entregues aos seus destinatários sem que êstes soubessem quem lhas mandava dar?!

Não, senhores genovistas! — Cristóbal Colon não é o Cristóforo Colombo "*Ianério*"! Nasceu em Gênova, como êste, mas levado para França em 1461, quando contava cêrca de cinco anos de idade, não aprendeu o italiano e, por isso, nunca se familiarizou com a grafia italiana dos nomes usados pelos seus amigos genoveses ou florentinos. Para êle, os *Spinola* eram *Espindola*, os *Berardi* eram *Berardo*, os *Vespucci* eram *Vespuchy*, e assim sucessivamente. O castelhano que falava ou escrevia era aporuguesado e não genovizado ou italianizado, particularidade, esta, bem patente em todos os seus autógrafos, provando a qualidade portuguesa de quem lhe ensinou a ler e escrever.

A argumentação em contrário, inflamada de patriotismo, do italiano Paolo Revelli, por exemplo, só serve para demolir o que se propõe defender. Porque assim é, aqui transcrevemos uma das tiradas com que êste ilustre Colombista manifesta a fôrça da sua razão:

"I negatori sistematici della italianità della cultura di Colombo, ignorano evidentemente che essa è denunciata nel modo piú palese anche da alcune forme tipicamente italiane che traspaciono nei suoi scritti spagnuoli, come il nome di "*Spañola*" dato alla isola di Haiti e il nome di "*Natividad*" con cui contrassegna in una carta dell'isola, da lui tracciata verso la fine del 1492, la prima fortezza spagnuola sorta in terra d'América. Uno spagnuolo avrebbe scritto, evidentemente, "*Española*" e "*Navidad*". (Paolo Revelli, *Il Genovese*, Gênova, 1951, pág. 239).

Ora no *croquis* da costa setentrional haitiana reproduzido pelo senhor Paolo Revelli no livro donde respigámos o passo antes transcrito, assim como em tôdas as reproduções que correm mundo nas obras de outros autores, lemos "*española*" e não "*Spañola*". Não sabe o senhor Paolo Revelli que o pequeno traço oblíquo, bem patente no princípio da palavra, representa um e?! — Para saber isto não é necessário estudar a paleografia da época de Colon. Um curto exame de qualquer dos autógrafos dêste navegador será lição suficiente.

E quanto à grafia "*Nativida*", não será ela antes a castelhanição, por apócope, da palavra portuguesa "*Natividade*"? — Nós cremos que sim, embora saibamos que a opinião dos italianos será sempre diferente.

Contra o estudo, eminentemente científico, em que o sábio filólogo espanhol Ramon Menendez Pidal demonstra não ter Cristóbal Colon jamais aprendido a língua italiana, pode alguma coisa a retórica inflamada de patriotismo faccioso do senhor Paolo Revelli?!...

Nenhum marinheiro curtido pela prática constante da sua profissão, poderá admitir que a carta escrita por Cristóbal Colon aos Reis Católicos em 6 de fevereiro de 1502 — a mesma que alguns historiógrafos intitulam de "*Arte de Navegar*" — seja obra do "*lanério*" Cristóforo Colombo. Essa carta constitui a prova insofismável de que o seu autor fez a sua aprendizagem marítima em navios franceses e ao serviço de Luiz XI de França e de Renato de Anjou. O seu mestre foi Guillaume Casenove, que a si próprio se chamava *Coullon* ou *Coulon*, mas que para os castelhanos era *Colón* e para os italianos *Colombo*. Queiram ou não queiram todos os genovistas do mundo, este homem bateu-se contra os genoveses em 13 de agosto de 1476. Os italianos chamavam-lhe então "*Colombo il giovane*".

*
* *
*

Tem-se dito e acreditado que Fernando Colon confundiu inconscientemente os dois mencionados combates de 1476 e 1485, mas este asserto não tem nenhuma consistência. Repetindo aqui um juízo por nós apurado e verificado, diremos:

"Com esta confusão quis Fernando Colon assinalar duas datas diferentes e elucidativas: a de agosto de 1476, em que seu pai, por se ter incendiado e afundado em combate o navio que comandava, se salvou, nadando para a costa portuguesa, e se reintegrou no ambiente pátrio; e a de agosto de 1485, em que ocorreu o recôntro naval entre franceses e venezianos e em que seu pai foi para Espanha com a incumbência de propor a "*emprêsa das Indias*" aos Reis Católicos".

Para Marco Antônio Coccio (Sabellico), o ataque aos quatro navios venezianos, nas proximidades do Cabo de São Vicente, foi obra de um "*Columbus junior Columbi pyrate illustris, ut aiunt, nepos*", ou seja de um sobrinho de Guillaume Casenove. Cabe, por conseguinte, averiguar como foi possível tomar o grego Jorge Bissipat por *Colombo junior*.

Diz-nos Fernando Colon, no seu livro, que seu pai se estabeleceu em Portugal antes do irmão Bartolomeu. Sendo assim, e dado que tal fato foi consequência natural e imediata do combate de 1476, teremos de admitir que Bartolomeu Colon, certa-

mente já iniciado na vida marítima em companhia de Guillaume Casenove e talvez presente no mesmo combate, continuou a navegar com o velho “Colombo” e a êle é que o Senado de Veneza começou por atribuir a autoria do ataque aos quatro navios venezianos, chamando-lhe “*filius Columbi*”. Este equívoco, bem cedo reconhecido e emendado, tinha, portanto, uma coerente justificação, porque êste “*filius Columbi*” só teria cessado a sua actividade de corsário por ocasião do falecimento de Guillaume Casenove, ocorrido em 1483.

De tudo isto se conclui que os “Colombos” pai e filho evocados pelo Senado de Veneza para atribuir ao segundo a responsabilidade do ataque aos navios venezianos, só podiam ser o velho Casenove e Bartolomeu Colon, e como, pelo que diz Fernando Colon, êstes dois “Colombos” eram parentes de seu pai, neste temos o sobrinho (aliás enteado) de Guillaume Casenove erradamente mencionado por Sabellico ao noticiar o mesmo recôntro.

Vejamos agora se, sim ou não, Fernando Colon confundiu propositadamente os dois combates que aqui nos ocupam. Começaremos por fazer notar que, no dizer de Fernando Colon, seu pai transferiu-se de Portugal para Castela em “*fines de 1484*”. Com êste elemento cronológico só um juízo é possível: Fernando Colon embaralhou deliberadamente os dois combates para compêlir os seus leitores a dilucidar a verdade com os escritos de outros autores. Os “Colombos” corsários foram equívocadamente ligados ao recôntro de 1485, visto que, como capitão dos navios franceses atacantes, se citava um filho ou um sobrinho de Casenove Coulon. Ora mencionando o veneziano Marco Antônio Sabellico como cronista do referido recôntro, indicava, Fernando Colon, a sua fonte informativa — aquela em que se devia buscar o confrônto para o que escrevera sôbre o ataque de “Colombo Junior” aos navios venezianos. Êste confrônto teria de se fazer cedo ou tarde, como, aliás, foi o caso do italiano Alberto Salvagnini, quando verificou que, no recôntro descrito por Sabellico, não só não houve abordagens, nem navios incendiados e afundados, mas nem sequer Cristóbal Colon poderia haver nele participado, porquanto tal ocorrência situa-se em agôsto de 1485 e Fernando Colon diz que seu pai se transferiu de Portugal para Castela em “*fines del año 1484*”.

A discrepância entre o relato de Fernando Colon e o de Sabellico, assim verificada, fêz incidir a atenção do mesmo investigador para o combate de 1476 e para o seu principal fautor — o “Colombo” almirante de Luiz XI de França, famoso e temido corsário, inimigo inveterado dos genoveses e dos castelhanos. E tudo se esclareceu. A pormenorização dêste combate, abonada por vários escritos contemporâneos fidedignos, coincide inteiramente com o relato de Fernando Colon. Cristóbal Colon fôra, pois, um

dos seus protagonistas e não dos mais apagados. Parente de Guillaume Casenove — o “otro Colombo” — navegava em companhia e sob as ordens dêste Almirante francês.

Pretender com os vários historiôgrafos Colombistas que Cristóbal Colon não podia estar do lado dos franceses e portugueses porque êle mesmo era genovês, é apoucar a inteligência e o bom senso dos homens em geral. Mas esta é a conveniência da tese genovista, mal servida, aliás, pela seguinte tirada do famoso historiador espanhol D. Antonio Ballesteros Beretta:

“Marco Antonio Coccio, llamado Sabellicus, es autor de dos obras, la una titulada *Rerum Venetarum* y la otra *Rhapsodia historiarum*. La primera sólo contiene cuatro décadas y la segunda se divide en once enéadas, la última inconclusa. Por tanto Hernando se ha referido a la segunda; pero como lo hizo de memoria, equivocó el libro III de la cuarta década y en su lugar citó el VIII de la décima. Sabellico trata de un combate librado el año 1485 por Colón el Mozo contra unas galeras venecianas que logra capturar, y a consecuencia de ese combate es el agradecimiento mostrado a Juan II de Portugal por el embajador veneciano Jerónimo Donato.

“Salvagnini fué el primero que mostró la anomalía de que Colón llegara a Portugal en esa fecha de 1485, cuando consta por el testimonio de su hijo que ya estaba en España. Más curioso es aún que si bien Hernando quiere apoyarse en el testimonio de Sabellico, al describir circunstanciadamente el combate acude a sus propios recuerdos y su descripción discrepa por completo del suceso acaecido en el año de 1485. En este encuentro no hubo navíos trabados por garfios y cadenas, ni incendio que destruyese la nave almirante, ni fuego alguno. No se perdió ninguna embarcación veneciana, sea por el fuego o por otra causa. Sabellico dice que, después de haber sido capturada una nave, las otras se rindieron y las cuatro fueron conducidas por Colón a Lisboa. Conviene en esta misma versión Bembo, Giustiniani, Buonaccorsi, la *Cronaca Savina*, los despachos de Alberto Cortesi y Giacomo Trotti y las deliberaciones del Senado veneciano”. (Ob., vol. e cap. cit., págs. 266 e 267).

Depois de se ter lido esta tirada de Ballesteros Beretta, será, porventura, lícito pensar como êle?! — Poderá alguém acreditar que Fernando Colon citasse o cronista veneziano Marco Antônio Sabellico com outro fim que não fôsse o de provocar e incitar a curiosidade alheia, de modo a estabelecer que Cristóbal Colon era o mesmo “Colombus Junior” mencionado por aquêle cronista?! — Por que situa Fernando Colon a ida de seu pai para Castela em “fines del año 1484”, sabendo — como sabia — que êle assistira à entrevista ou entrevistas em que Mestre José Vizinho deu conta a D. João II de Portugal das latitudes observadas em vários lu-

gares do ultramar onde fôra enviado, e, entre elas, a que obteve numa das "*ilhas dos Idolos*" em 11 de março de 1485?! — Escusado seria dizer que, se Mestre José Vizinho se encontrava no ultramar em 11 de março de 1485, não poderia estar em Lisboa antes do fim de maio do mesmo ano. Nesta ocasião, portanto, ainda Cristóbal Colon não saíra de Portugal.

Quando saiu? — Em agôsto de 1485, evidentemente, dado que tal acontecimento teria coincidido com o recôntro entre franceses e venezianos nas águas do Cabo de São Vicente.

Não foi sem um segundo sentido que Fernando Colon escreveu:

"Fué principio y causa de la venida del Almirante a España y de haberse dedicado a las cosas del mar, un varón destacado de su nombre y familia, llamado Colombo..."

Segundo a interpretação vulgar, *España* está aqui como expressão geográfica ou como nome que, abrangendo tôda a Península Ibérica, também abrangia Portugal, onde Cristóbal Colon se domiciliou em 1476. Mas, em outros capítulos do livro de Fernando Colon, topamos o mesmo nome como expressão de nacionalidade, quando, por exemplo, é caso das condições em que Cristóbal Colon se propunha servir os Reis Católicos e exigia

"que en cualquier parte de España donde se traficase y contratase con las Indias, él pusiese que jueces que resolviesen sobre aquello que a tal materia perteneciera". (Ob. cit., ap. XIV).

Veremos em seguida que Fernando Colon confundiu propositamente os recôntros navais de 1476 e 1485, para nos levar à verificação de que seu pai era parente de D. Afonso V e de D. João II de Portugal. Os primeiros doze capítulos do seu livro têm evidente feição criptográfica, pelo que devem ser lidos e meditados com a maior atenção e acuidade. Lembramos, porém, que o referido livro foi publicado pela primeira vez em Itália e, com certeza, por determinação expressa de Fernando Colon, que se sentia obrigado a contrariar e refutar as falsidades tecidas em Gênova a respeito dos antecedentes biográficos de seu pai. Para a decifração exata da tropologia de Fernando, há que ter sempre em conta esta circunstância, considerando a primeira edição de tal livro como a que serve melhor o verdadeiro objetivo do filho do navegador.

Não pode haver dúvida de que a palavra *España* figura naquele passo do livro de Fernando como expressão geográfica e como expressão de nacionalidade, conforme as duas interpretações ali implicadas. — Como expressão geográfica, quando o nosso sentido interpretativo se fixa no ano de 1476 e na ocasião em que

Cristóbal Colon se domiciliou em Portugal: O causador d'êste novo rumo da sua vida fôra o velho "Colombo", responsável pelo ataque aos navios genoveses nas águas do Cabo de São Vicente. — E como expressão de nacionalidade, quando se considera a ocasião do recôntro descrito por Sabellico e em que Cristóbal Colon se transferiu de Portugal para Espanha por causa do rei português D. João II.

No primeiro caso, o "*principio y causa de la venida del Almirante a España*" foi o velho "Colombo", mas Fernando Colon baralha os recôntros de 1476 e 1485, e, em vez d'êste "Colombo", menciona "*Colombo il giovane*" como causador do mesmo acontecimento. Vejamos, porém, que, a rigor, o verdadeiro "*principio y causa de la venida del Almirante a España*" em 1476, foi D. Afonso V de Portugal, a quem os "Colombos" corsários vieram ajudar na sua luta contra Isabel de Castela e Fernando de Aragão por mandado de Luiz XI de França. Nesta conformidade, e dado que a palavra "Colombo" se pode tomar como variante tropológica de "Avis", fica patente que os nomes de "Colombo" e de "*Colombo il giovane*" designam também, e com tôda a certeza, o rei D. Afonso V de Portugal e seu filho D. João II, porque, segundo o mesmo Fernando Colon (ob. cit., cap. XII), foi por causa de D. João II que o Almirante se transferiu de Portugal para Espanha.

Ao tratar êste mesmo assunto no livro de nossa autoria, intitulado *D. João II e Cristóbal Colon*, Lisboa, 1951, escrevemos:

"A analogia dos vocábulos italianos *Giovane* e *Giován* ou *Giovanni*, em contraste com a diferença dos seus equivalentes castelhanos *Joven* e *Juan*, constitui, certamente, uma das razões por que a obra citada do filho do Almirante foi transmitida à posteridade, não no espanhol do manuscrito original desaparecido, mas na versão italiana que, forçosamente, o representa.

"Fernando Colon, obrigado a recorrer a artificios criptográficos para dissimular o que lhe era vedado dizer claramente, designa os *Coullons* velho e jovem por "*Coloni*" ("*Colonos*", em espanhol); quando, porém, se refere à pessoa que motivou a ida de seu pai para Espanha, chama-lhe "*Colombo il giovane*", mostrando, assim, não se tratar de nenhum dos dois "*Coloni*" mas de um outro homem *segnalato del suo nome...*: *giovane*, que está por *giován* ou *giovanni*, equivalência de João; "...*et famiglia*": *Colombo*, variante tropológica de *Ave* e, portanto, de *Avis*".

Êste nosso arrazoado jamais terá a concordância do genovismo impenitente! Se disséssemos, como os vários mitógrafos Colombistas, que Cristóbal Colon foi o mesmo Cristóforo Colombo genovês e "lanério"; se repetíssemos a história corrente do Cristóforo Colombo viajante comercial, vendedor de "libros de estampa" e

homem-tabú obsecado pela “idéia genial” de demandar o Oriente pelo Ocidente, espécie de oráculo infalível para os genoveses estabelecidos em Portugal e em Espanha, os quais, favorecendo-o em tôdas as ocasiões, até lhe teriam abonado *um milhão de maravedís* para suprir a parte do custo da primeira viagem às “Índias” não coberta pelos Reis Católicos, então estaríamos no bom caminho... genovista! Mas êste caminho é privilégio dos que propagam tais dizeres sem nos explicarem a razão por que, confiando aquêles genoveses tanto no seu “compatriota” Colombo, nunca fizeram nada, absolutamente nada, para que a “*empresa das Índias*” fôsse empreendida sob a égide da Senhoria de Gênova!!...

Voltando, porém, ao assunto anterior, faremos notar que Cristóbal Colon teria sido mencionado algumas vêzes como sobrinho de Guillaume Casenove — um “Colombo” — mas era sobrinho verdadeiro de D. Afonso V de Portugal — outro “Colombo”. Há, pois, aqui um curioso e eloqüente paralelismo, e êste é tanto mais flagrante quanto é certo terem o mesmo nome de João o filho mais velho de Guillaume Casenove e o filho herdeiro de D. Afonso V. A João Casenove, que em Portugal era conhecido pelo nome de Janinfante, mas que adotou o de Bartolomeu Colon quando passou a servir os Reis Católicos, também cabe a designação de “*Colombo il giovane*”, porque a êle é que o Senado de Veneza atribuiu, em princípio, a autoria do ataque a quatro navios seus que regressavam da Flandres, chamando-lhe “*filius Columbi*”. Portanto, e dado que o causador da ida de Cristóbal Colon para Espanha não foi o filho de Guillaume Casenove mas sim o filho de D. Afonso V — D. João II — a êste cabe, no caso vertente, a designação criptográfica de “*Colombo il giovane*”.

*
* *
*

Vejamos agora como interpretar alguns outros ditos de Fernando Colon. Começaremos por chamar a atenção do leitor para as seguintes coincidências: Cristóbal Colon, sendo filho natural do infante D. Fernando de Avis e sobrinho-neto do infante santo D. Fernando — o mártir de Fez — deu o nome de Fernando ao seu próprio bastardo, e êste, referindo-se, no seu livro, à religiosidade do navegador, atesta:

“El Almirante... Fué tan enemigo de juramentos y blasfemias que yo juro que jamás le oí echar otro juramento que por S. Fernando.”

Mas antes dêste passo, lêem-se também no livro de Fernando Colon as seguintes tiradas:

“...algunos querian que yo me ocupase en declarar y decir cómo el Almirante procedía de sangre ilustre,... y que hubiese mostrado como procedía de aquel Colón, de quien Cornelio Tácito cuenta al principio del libro duodécimo de su obra que llevó prisionero a Roma al Rey Mitridates,... Querian también que hiciese gran cuenta de *aquellos dos ilustres Colonos, parientes suyos*, de quienes Sabellico describe una gran victoria obtenida contra los venecianos,... *Yo me evité este trabajo por creer que él habia sido elegido por Nuestro Señor para una cosa tan grande como la que hizo;... y que lo imitase a El mismo, que siendo sus mayores de la sangre real de Jerusalén, tuvo por bien que sus padres fuesen menos conocidos. De tal modo que, si muy apta fué su persona y adornada de todo aquello que para un hecho tan grande convenia, tanto más quiso que su patria y origen fuesen menos ciertos y conocidos*”.

.....
“Dejando ahora la etimología o derivación y significado del nombre del Almirante, y volviendo a las condiciones y personas de sus progenitores, digo que, si bien fueron personas de valia,... no encuentro en qué forma vivieron ni dónde habitaron, a pesar de que *el mismo Almirante diga en una carta que su trato y el de sus mayores fué siempre por mar*”. (Ob. cit., cap. I e II).

No livro nosso anteriormente citado, dissemos:

“se Fernando Colon se mostra convencido de que seu pai *“habia sido elegido por Nuestro Señor para... que lo imitase a El mismo, que siendo sus mayores de la sangre real de Jerusalén, tuvo por bien que sus padres fuesen menos conocidos*”, é porque as ascendências de *Divino Salvador* e de *Cristóbal Colon* se relacionam por semelhança paralela”.

E assim é verdadeiramente. Jesús Cristo foi concebido e gerado no ventre santíssimo da virgem Santa Maria, a qual era prima de seu marido S. José, porque os dois descendiam, por ramos colaterais, de David, Rei de Jerusalém e de Israel. Ora Cristóbal Colon era filho de Dona Isabel de Noronha e do infante D. Fernando, Duque de Viseu, cujo caso é idêntico ao da virgem Santa Maria e de S. José, pois Dona Isabel de Noronha provinha, por sua mãe, Dona Maria de Noronha — mulher de João Gonçalves da Câmara — do mesmo tronco Real a que pertencia o referido infante.

Neto de João Gonçalves da Câmara e filho do infante D. Fernando, podia Cristóbal Colon dizer *“que su trato y el de sus mayores fué siempre por mar*”. João Gonçalves Zarco foi o descobridor e povoador mais prestigioso do arquipélago da Madeira, e os seus filhos, também *“cavaleiros do mar*”, pertenciam à Ordem

de Cristo, cujo govêrno e grão-mestrado passara, por morte do infante D. Henrique, para seu filho adotivo, o mesmo infante D. Fernando. Tôda a gente sabe que a emprêsa dos descobrimentos, era então um privilégio da Ordem de Cristo, e que o Grão-Mestre e Governador desta Ordem superintendia no trato marítimo com as ilhas e ultramar.

Pelo casamento posterior de Dona Isabel de Noronha com Guillaume Casenove, ficou Cristóbal Colon integrado em ambiente análogo ao de seus maiores, e foi com aquêle famoso corsário francês, seu padrastrô, que êle fêz a sua aprendizagem marítima.

As personalidades do “lanério” genovês Cristóforo Colombo e do navegador Cristóbal Colon são tão inconciliáveis como a água e o azeite. Se nos isolamos da charlatanice fervilhante dos mitógrafos genovistas e nos concentramos na análise cuidadosa das fontes genuinamente Coloninas, logo veremos como estas repudiam tôda e qualquer afinidade com o Colombo “lanério”. No trecho seguinte, transcrito do nosso citado livro, ver-se-á o crédito que merecem os dizeres do cronista genovês Agustino Giustiniani, o qual, aliás, se limitou a repetir, como boas, as falsidades propagadas pelo seu patrício Antônio Gallo em 1506.

“São demasiadamente conhecidos os documentos de Gênova em que *Cristóforo Colombo* (não confundir com *Cristóbal Colon*) figura como “lanério”; o último é de 1472, quando êle contava 21 anos de idade. Ora Fernando Colon, que, natural e logicamente, sabia mais quem era seu pai do que todos quantos sôbre êle escreveram, insurgi-se, na sua *Historie dell Ammiraglio*, contra o genovês Agustino Giustiniani, a quem acusa de “*inconsiderato, o partiale, & maligno conterraneo*”, porque êste, nos seus *Psalterium hebraeum, graecum, arabicum et chaldaicum, cum tribus latinis interpretationibus et glossis*, Genuae, Porro, 1516, e *Castigatissimi Annali... della Eccelsa et Illustrissima Republica di Genova*, Gênova, 1537, descreve o navegador como “*Christophorus cognomento Columbus, patria Genuensis, vilibus ortus parentibus*”. “De modo que... hablando de una persona señalada y que tanto honró a la patria cuya historia escribió el mismo Justiniano, aunque los padres del Almirante hubieron sido personas viles, era más honrado que hablara de su origen con aquellas palabras que otros autores emplean en tal caso, diciendo *humili loco, seu a parentibus pauperimos ortus*, que no poner palabras injuriosas, como las puso en dicho Salterio, y las repetió después en su crónica, *llamándole con falsedad artesano*. Aun en el caso de que no se hubiese contradicho, la razón misma manifestaba que un hombre que se hubiese ocupado en algún arte o menester manual, había de nacer y de envejecer en él para aprenderlo a la perfección; y que no habría andado peregrinando desde su mocedad por tan-

tas tierras, ni tampoco habría aprendido tantas letras ni tanta ciencia como sus obras demuestran, especialmente en las cuatro ciencias más principales que se requieren para hacer lo que él hizo, que son *astrología, cosmografía, geometría y navegación*. Pero no es cosa de maravillarse que Justiniano, en este caso, *que es oculto*, tenga la audacia de no decir la verdad, puesto que en cosas muy paladinadas de su descubrimiento y navegación, en *media hoja de papel* que en dicho *Salterio* escribió, *puso más de doce mentiras*".

"Depois de enumerar estas últimas, prossegue Fernando Colon:

"*Para añadir a las doce mentiras la décimatercia*, dice que el extremo occidental de Cuba dista seis horas de la Española, poniendo más camino de la Española a Cuba del que hay de España a la Española. De modo que, de la poca diligencia y cuidado que empleó para informarse y escribir la verdad de lo que atañe a estas cosas tan claras, puede deducirse cómo se habrá informado *de lo que tan escondido estaba*, donde él mismo se contradice, según ya se ha visto.

"Dejando a un lado esta discrepancia, con la cual pienso ya haber cansado a los lectores, diremos solamente que por los *muchos errores y falsedades* que se encuentran en dicha historia y en el *Salterio* de Justiniano, la Señoría de Génova, *considerada la falsedad de sus escritos*, ha puesto pena a quienes tengan o lean su historia, y ha mandado con gran diligencia que se busque por todos los lugares a donde se haya enviado, a fin de que por público decreto sea anulada y destruida. Volveré, pues, a nuestro intento principal, concluyendo con decir que *el Almirante fué hombre de letras y de grande experiencia, y que no gastó el tiempo en cosas manuales ni en artes mecánicas*, como la grandeza y perpetuidad de sus maravillosos hechos lo requerian; y pondré fin a este capítulo con lo que escribió en sua carta al aya del príncipe Don Juan de Castilla, con estas palabras: "*Yo no soy el primer Almirante de mi familia. Pónganme, pues, el nombre que quisieren*, que al fin David, rey sapientísimo, fué guarda de ovejas, y después fué hecho rey de Jerusalén, y yo servo soy de aquel mesmo que le puso a él en tal estado".

"O fim com que, ao acabar de demonstrar os desacertos de Giustiniani, Fernando Colon evoca este passo duma carta do Almirante, é demasiado evidente: êle pretende, muito simplesmente, dar a entender que o nome *Christophorus Columbus* ou *Cristóforo Colombo*, aplicado a seu pai, é outra *mentira* do mesmo Giustiniani, e, portanto, um erro de todos aquêles que igual nome lhe chamaram. Daqui não se pode fugir, digam uns ou outros o que disserem". (*D. João II e Cristóbal Colon*, cit., págs. 79 a 81).

Insurgem-se os mitógrafos italianistas contra aquela declaração de Cristóbal Colon, dizendo que ela traduz uma tola gabarolice do navegador! — Pelo visto, tudo o que, nos escritos do Almirante e de seu filho Fernando, contraria a identificação do primeiro com o Colombo "*Ianério*", deve ser tido como falso! — Mas os falsários são aquêles que, tendo sido elucidados sôbre a verdadeira personalidade do navegador, jamais fizeram outra coisa que não fôsse tornarem-se obreiros ou cumprilces duma repugnante mistificação!

Fernando Colon não mente quando diz que a Senhoria de Gênova reconheceu serem falsas as informações publicadas por Giustiniani acêrca do Almirante. Esse reconhecimento deve remontar a pouco depois de 1506, porque neste ano começou Antônio Gallo a propalar as mesmas mentiras imputadas a Giustiniani, e, logo a seguir, em duas cartas redigidas em nome do Banco de S. Jorge para o Almirante e para seu filho Diogo, teve o cuidado de omitir o apelido dos destinatários.

E não se nos venha dizer que isto não pode ser assim porque essas cartas ostentam a data de 8 de dezembro de 1502. Nós sabemos isso e também sabemos que tais cartas foram forjadas por Antônio Gallo em época posterior ao falecimento de Cristóbal Colon, ocorrido em 21 de maio de 1506. De resto, e qualquer que seja o caso, por que omitiu Antônio Gallo o apelido do navegador em duas cartas a êste e a seu filho Diogo destinadas, se, como geralmente se pretende, êle sabia muitíssimo bem quem era o Almirante?!

Fernando Colon apoda Giustiniani de "*maligno conterraneo*" do Almirante, mas, na pena de outros historiadores, sobretudo dos genovistas, êste "*conterraneo*" transforma-se em "*compatriota*", como se as duas palavras fôsem sinônimas! Ora nós sabemos que o navegador, embora nascido em Gênova, não era genovês; e aquelas palavras de Fernando Colon estão, pelo nosso lado, a brigar com os que as substituem por "*maligno compatriota*".

O próprio Cristóbal Colon declarou haver nascido em Gênova e ter "*veinte i ocho años*" quando se transferiu de Portugal para Espanha. As contas, bem feitas, levam-nos a situar o seu nascimento a meio da noite de 24 para 25 de dezembro de 1456. Por êste motivo se chamou *Salvador* e não *Cristóforo*.

Parente e enteado de Guillaume Casenove — o famoso Almirante de Luiz XI de França — podia Cristóbal Colon dizer que não era o primeiro Almirante da sua família. Como filho do infante D. Fernando, Duque de Viseu, e de Dona Isabel de Noronha, também era primo, pelos dois lados, dos Reis Católicos e dos Enriquez a quem pertencia a hereditariedade do título e cargo de "*Almirante Mayor de Castilla*".

Saído de Gênova em julho de 1461, quando os genoveses se libertaram do domínio francês, e levado para França por via marítima, temos a comprovação deste fato na carta que Cristóbal Colon escreveu aos Reis Católicos em dezembro de 1501, na qual se lê:

*“De muy pequeña edad entré en la mar navegando,...
Ya pasan de XL años que yo soy en este uso”.*

Os genovistas nunca puderam encontrar uma explicação satisfatória para estas palavras do Almirante. Elas não se adaptam ao caso do tecelão genovês Cristóforo Colombo, o qual, aos 21 anos, ou seja em 1472, ainda figura como “*lanério*” num documento notarial de Savona.

Este mesmo documento mostra-nos o Colombo “*lanério*” misturado com *alfaiates* — como era próprio da sua condição de manufator e vendedor de tecidos — e não com gente do mar. As pessoas ali mencionadas como testemunhas, são: “*Iohanne Vigna sartore... Bernardo Sambaldo sartore, Christoforo de Columbo lanério de Ianua et Dominico Vigna sartore*”. Pretende-se, porém, que este “*lanério*” seja o mesmo “*nobilem virum*” Cristóbal Colon, a quem os Reis Católicos acrescentaram, em 1493, “*las armas vuestras que solia des tener*”!!!...

E' bem conhecida a carta de Colon para os monarcas espanhóis datada da Jamaica em 7 de julho de 1503. Nessa carta escreveu o navegador estas palavras:

“Siete años estuve yo en su Real Corte, que á quantos se fabló de esta empresa todos á una dijeron que era burla: agora, fasta los sastres suplican por descubrir”.

Só em mentes degeneradas poderá caber a idéia de que estas frases de crítica aos Reis Católicos e à sua complacência perante o afluxo crescente de descobridores improvisados, tivessem sido redigidas por um ex-“*lanério*”!... Nelas deviam atentar os vários “*sastres*” italianistas quando talham e alinham a indumentária historiográfica do “*lanério*” genovês Cristóforo Colombo.

ALEXANDRE GASPAR DA NAIA.